

CONSIDERAÇÕES BREVES SOBRE A MÁSCARA DA MORTE RUBRA SEGUINDO OS PRESSUPOSTOS DE GANCHO

*Maria Gabrielly Sousa Tomé e Fernanda Domingos de Oliveira
(UEPB)*

INTRODUÇÃO

Neste trabalho analisaremos o conto **A Máscara da Morte Rubra**, de Edgar Allan Poe, utilizando como base os fundamentos teóricos do livro **Como analisar narrativas**, da professora e pesquisadora Cândida Vilares Gancho, além dos pressupostos de outros autores. Pretendemos apontar algumas das categorias descritas no livro, como enredo, personagem, narrador, ambiente, espaço, além de destacar as características específicas da obra de Poe.

“Poe é um dos precursores da literatura de ficção científica e fantástica modernas. Seus contos de terror, tais como “A queda da casa de Usher”, “O gato preto” e “O coração denunciador” (...) mergulham fundo na psique humana e provocam estados de tensão violenta, características que fizeram com que o autor fosse elevado à categoria de mestre do horror” (BELLIN, 2011, p. 41).

Edgar Allan Poe é um dos mais notáveis escritores de terror norte-americanos, pertencente ao movimento romântico. Seus contos ficaram conhecidos por introduzirem um tipo de realismo psicológico à literatura de horror. Poe carregava um rigor científico não explorado de forma ampla no âmbito da literatura de horror, e conhecia as estruturas específicas do gênero de forma excepcional (LOVECRAFT, 1987). O autor se diferenciava dos seus contemporâneos não apenas por abordar temas vistos como tabus, que se encaixam na ficção fantástica, com elementos góticos e de mistério, como também pelo classicismo (UNRUE, 1995) (um tanto distante dos autores românticos de sua geração) e pela abordagem lógica com a qual narra suas histórias, cujo efeito era habilmente calculado para produzir espanto no leitor.

A princípio, definiremos o que é ficção e narrativa. “A literatura de ficção (romance, conto, novela, teatro, por exemplo) é uma representação social de dado momento histórico, e isso permite o estudo de uma sociedade e suas ideologias a partir do objeto literário.” (SILVA, 2015). Segundo Gancho (2006, p. 4), a narrativa será a prosa de ficção. A autora ainda dirá: “muitas são as possibilidades de narrar, oralmente ou por escrito, em prosa ou em verso, usando imagens ou não”. A narrativa em prosa existe desde os primórdios da civilização, e pode assumir diversas formas variadas: romance, novela, conto e crônica. Nos focalizamos no conto.

Sobre o gênero do conto, Gancho (2006, p. 6) denota “é uma narrativa mais curta, que tem como característica central condensar conflito, tempo, espaço e reduzir o número de personagens”. O conto escolhido fora **A Máscara da Morte Rubra**, um conto com aspectos fantásticos e de horror, que se passa em um reino fictício, onde uma praga infesta todo o

reino, e mata as pessoas de forma implacável. O Príncipe Próspero, o protagonista, se isola com seus amigos saudáveis, “e, com eles, formou um refúgio recôndito em uma de suas abadias fortificadas” (POE, 2017, p. 5). A partir dessa dualidade entre miséria e prosperidade, a narrativa progride.

CATEGORIAS

Gancho (2006) dirá que a narrativa é estruturada sobre cinco elementos principais: enredo, personagens, tempo, espaço e narrador. O enredo, por vez, pode ser dissecado em algumas partes.

A começar pela exposição, identificamos alguns pontos. A história se inicia citando um reino inominado, que é afetado pela Morte Vermelha, uma peste terrível, e jamais vista antes: "O sangue era a sua encarnação e o seu sinete: o vermelho e o horror do sangue. Começava com dores agudas, com um desvanecimento súbito, e logo os poros se punham a sangrar abundantemente." (POE, 2017, p. 5), a peste que se alastra pelo reino é caracterizada por sua natureza mortífera, que desfigura suas vítimas e, ainda, desperta a antipatia dos outros cidadãos: “segregavam-na da humanidade e a afastavam de todo socorro e de toda compaixão” (POE, 2017, p. 5).

Então, há a introdução do personagem principal da narrativa, o Príncipe Próspero, identificado de forma abertamente oposta à natureza da peste. Como seu nome descreve, o Príncipe Próspero é abastado, vivaz, e não lhe faltam prazeres ou fartura: “o Príncipe Próspero era feliz, intrépido e sagaz. Quando os seus domínios minguaram à metade de almas vivas, convocou um milhar de amigos fortes e de corações alegres, escolhidos entre os cavalheiros e damas da sua corte.” (POE, 2017, p. 5). Ao se deparar com a Morte Vermelha, a intenção do príncipe não é a de remediar a situação, mas, sim, se isolar em sua prosperidade. “E, com eles, formou um refúgio recôndito em uma de suas abadias fortificadas” (POE, 2017, p. 5).

O conflito, destacado por Gancho (2006, p. 8), trata-se de “qualquer componente da história (personagens, fatos, ambiente, idéias, emoções) que se opõe a outro, criando uma tensão que organiza os fatos da história e prende a atenção do leitor”. Na obra de Edgar Allan Poe, o conflito que impera, e que se trata da existência, em questão, da Morte Vermelha, culmina no baile de máscaras, que o Príncipe sedia depois de alguns dias dentro da abadia: “(...) o Príncipe Próspero proporcionou aos convivas um baile de máscaras da mais insólita magnificência” (POE, 2017, p. 5). Apesar do príncipe estar em seu refúgio seguro, a Morte Vermelha, uma convidada indesejada e assustadora para todos os presentes no baile, adentra a festividade e confronta diretamente a petulância de Próspero.

“Todos reconheceram, então, que ali estava presente a “Morte Escarlata”. Ela se insinuara como um ladrão noturno. E todos os convivas tombaram, um a um, nos salões das orgias, manchados de sangue, morrendo na mesma postura desesperada em

que desabaram. E a vida do relógio de ébano se extinguiu com a do último daqueles seres licenciosos” (POE, 2017, p.10).

Para Gancho (2006, p. 10): “A personagem ou o personagem é um ser fictício que é responsável pelo desempenho do enredo; em outras palavras, é quem faz a ação”. Os personagens destacados em **A Máscara da Morte Rubra** são o Príncipe Próspero, protagonista, e Morte Vermelha, antagonista. O Príncipe Próspero tem entre suas características principais a sua vivacidade e caráter esbanjoso, em partes, excêntrico, como destacado pelos trechos: “Seus planos eram temerários e selvagens e suas concepções brilhavam com um bárbaro esplendor. Alguns o julgavam louco. Mas os seus cortesãos sabiam que não. Todavia, era preciso vê-lo, tocá-lo, para assegurarem-se de que ele não estava de fato ensandecido” (POE, 2017, p. 7). O Príncipe possui uma consciência materialista, visto que mostra se importar com o luxo e estética: “Tratava-se de uma vasta e magnífica construção, criação dele mesmo, o Príncipe, conforme seu gosto excêntrico e majestoso” (POE, 2017, p. 5).

Além disso, o Príncipe Próspero mostra sua índole egocêntrica ao lidar com a situação da peste, de forma despreocupada, não se importando sequer com os seus súditos ao se isolar na abadia: “Que o exterior se arranjasse como pudesse. De sua feita, seria uma loucura afligir a alma com meditações sobre a peste” (POE, 2017, p. 5). De certa forma, possui certa descrença, ou talvez, mesmo um sentimento prepotente de que o isolamento é suficiente para protegê-lo da morte. Assim, demonstra despreocupação total com aqueles que estão fora de sua fortaleza, onde prefere se prender em uma ilusão, buscando refúgio em festas luxuosas para escapar daquela realidade, onde acredita estar protegido e a salvo da morte.

Gancho (2006, p. 12), define antagonista como: “(...) personagem que se opõe ao protagonista, seja por sua ação que atrapalha, seja por suas características, diametralmente opostas às do protagonista. Enfim, seria o vilão da história.” A Morte Vermelha, peste que demarca o conflito principal da narrativa, se encaixa na descrição dada por Gancho. Ela se opõe ao Príncipe Próspero de forma direta no clímax, que para Gancho (2006, p. 8) é “o momento de maior tensão, no qual o conflito chega a seu ponto máximo”, onde aparece personificada por uma pessoa de forma estranha, que invade o baile:

“Era ele alto e delgado. Estava envolto com uma mortalha funerária da cabeça aos pés. A máscara, que lhe ocultava as faces, reproduzia fielmente o semblante de um rígido cadáver, que um exame apurado teria dificuldades em perceber o engano” (POE, 2017, p. 8).

Através da Morte Vermelha que o aspecto de terror e suspense presente nas obras de Poe se materializa, sendo ela uma existência fugaz e devastadora, e que produz horror devido a imponência que o medo de ser assolado pela morte causa. Há certa simbologia nas cores e aspectos que caracterizam a Morte Vermelha. “(...) está associada à cor da pele das pessoas

enfermas e pode ser relacionada à peste bubônica logo no início do texto” (ARAÚJO; MEDES, 2018, p. 8). Representando o sangue, assim como os tons de vermelho na decoração do castelo, surge como um elemento inesperado e apavorante, que causa medo nos participantes do baile.

Gancho (2006, p. 17) define o ambiente da narrativa como: “espaço carregado de características socioeconômicas, morais e psicológicas, em que vivem os personagens”. O conto de horror, gênero ao qual Poe faz parte, possui um corpo caracterizado por elementos góticos e que produzem suspense, construído aos poucos e que culmina no clímax da história. Além disso, é possível delimitar algumas características específicas, que são refletidas pelos personagens da trama. Em primeiro lugar, Próspero representa uma elite, como dado por seu status social. O baile de máscaras, muito ostensivo, representa o luxo ao qual pertence. Enquanto isso, as pessoas comuns vivem em miséria, à mercê da peste. Essa disparidade entre classes caracteriza o ambiente.

Na visão de Gancho (2006, p. 7), o espaço da narrativa tem o propósito de: "(...) situar as ações dos personagens e estabelecer com eles uma interação, quer influenciando suas atitudes, pensamentos ou emoções, quer sofrendo eventuais transformações provocadas pelos personagens." Em **A Máscara da Morte Rubra**, a história é situada em um reino sem nome, mas que aparenta se passar em um período medieval. Além das fortalezas, se pressupõe que as outras partes do reino estejam em condições miseráveis. Entretanto, a localização que possui enfoque especial é a abadia na qual Próspero se refugia com alguns seletos:

"Rodeava a construção um muro espesso e elevado, guarnecido de portões de ferro. Uma vez transpostos os muros pelos cortesãos, estes se serviram de fôrnelha e de vigorosos martelos para soldar os ferrolhos. Deliberaram entrincheirar-se contra os súbitos impulsos ou os desesperos provenientes do exterior e lacrar todas as saídas aos frentes do interior. A abadia estava amplamente abastecida. Graças a tais cuidados, os cortesãos poderiam enfrentar o contágio. Que o exterior se arranjasse como pudesse." (POE, 2017, p. 5).

Eventualmente, o príncipe resolve sediar um baile de máscaras. No baile, todo o luxo e estética esplêndida são destacados através da narração:

“Havia uma série de sete salões imperiais. Em muitos palácios, esta série de salões forma amplas perspectivas, em linha reta quando as portas se descerram de par em par, de tal forma que a vista penetra até o fundo, sem qualquer obstáculo (...) Estavam as salas dispostas de forma tão irregular que a vista não poderia compreender senão um salão de cada vez. Ao término de um espaço de vinte ou trinta jardas, via-se uma brusca curva e, a cada esquina, o ambiente assumia um aspecto diferente. À direita e à esquerda, e ao meio de cada parede, uma alta e estreita janela gótica abria-se para um corredor fechado, que seguia a sinuosidade dos cômodos” (POE, 2017, p. 5-6).

Outro aspecto que merece destaque é a tematização dos salões, onde as festividades ocorrem. É dito que cada um deles possui vitrais, cujas cores variavam a depender do salão, todas de uma cor diferente. Entretanto, uma das salas é diferente, caracterizada com vitrais vermelhos

como sangue e uma tapeçaria negra e macabra. A sala é descrita como sinistra, e nem mesmo os dançarinos possuíam coragem para adentrá-la: “(...) no salão do extremo ocidental, não havia máscara alguma que se atrevesse a penetrar, porque a noite declinava. Ali se descerrava uma luz de um escarlate profundo, através dos vitrais cor de sangue, e a escuridão das cortinas tingidas de negro era aterradora” (POE, 2017, p.8). O salão, mórbido, que possui um relógio de ébano que destaca a passagem deliberada dos segundos, serve de oposição ao resto do baile, e acentua os aspectos macabros e imprevisíveis do clímax que é ainda incerto.

Gancho (2006, p. 15) idealiza o tempo cronológico como algo que é “dado ao tempo que transcorre na ordem natural dos fatos no enredo, ou seja, do começo para o final”. Esse tempo segue a sequência natural dos acontecimentos de forma linear, sem saltos temporais. É usado em narrativas que apresentam os eventos de maneira contínua. Isso pode ser observado através da passagem do tempo, onde os eventos são subsequentes. “Havia muito tempo que a “Morte Escarlate” devastava todo o país. Jamais uma peste fora tão letal e tão terrível” (POE, 2017, p. 5). O início dos eventos é delimitado na exposição, enquanto o início, meio e final do conto, seguem todos essa ordem exata: “ o Príncipe Próspero proporcionou aos convivas um baile de máscaras da mais insólita magnificência” (POE, 2017, p. 5). E o final: “E as Trevas, e a Ruína e a “Morte Escarlate” deitaram sobre tudo o seu ilimitado domínio” (POE, 2017, p. 10).

A autora Gancho (2006, p. 20) fala do Narrador “intruso”, que é “(...) o narrador que fala com o leitor ou que julga diretamente o comportamento dos personagens”. O narrador de **A Máscara da Morte Rubra** possui esse tipo de comportamento, como no trecho: “Numa multidão fantasmagórica como a que descrevi, era necessário, sem dúvidas, que fosse a aparição absolutamente extraordinária para ensejar tal sensação” (POE, 2017, p. 8), onde são expostas opiniões subjetivas. Além disso, o narrador é onisciente e onipresente, dentro ainda dos critérios de Gancho (2006, p. 20), pois “(...) o narrador sabe tudo sobre a história” e “(...) o narrador está presente em todos os lugares da história”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dessa análise, observamos o conto de Edgar Allan Poe, **A Máscara da Morte Rubra**, levando em conta os elementos do enredo propostos por Gancho (2006). As descrições são usadas para a análise de obras literárias, e permitem que os temas e composição possam ser vistos de forma aprofundada, até mesmo por graduandos iniciados na área da crítica literária. Poe, autor da obra, possui elementos únicos à suas histórias, como o fantástico e a composição precisa, que se fecha com um clímax voltado para o horror.

Abordamos que no desfecho do conto, a percepção e o medo são construídos conforme a história progride, e a possível morte do protagonista fica mais evidente a cada momento. Então, a conclusão retirada do conto, é que mesmo que haja um refúgio, é impossível fugir da inevitabilidade da morte, que a todos, independente da classe social, chega de forma

inesperada. Também pode-se concluir que a injustiça causada pelo príncipe, no final de contas, voltou-se contra ele.

Por meio desse trabalho, buscamos apresentar uma análise, que mesmo breve, toca os pontos referentes à compreensão da obra de Poe, promovendo uma ótica que contextualiza os pontos base de **A Máscara da Morte Rubra**. Os elementos específicos da obra do autor também são evidenciados, tais como sua composição, que é descrita por Lovecraft (1987, p. 46) quando este diz que o ponto chave do autor é “(...) a manutenção de um único tom e obtenção de um único efeito, com a redução rigorosa de incidentes àqueles que têm relação direta com o enredo e que irão figurar com relevo no clímax”. No mais, esperamos contribuir com a reflexão sobre os pontos abordados, e promover uma via interpretativa sobre a obra.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, H. C.; MÉDES, M. A. Nery. **A simbologia das cores em “A máscara da Morte Vermelha”, de Edgar Allan Poe**. e-hum Revista Científica das áreas de História, Letras, Educação e Serviço Social do Centro Universitário de Belo Horizonte, Minas Gerais, v. 11, n. 2, p. 8-16, ago./dez, 2018. Disponível em: <https://revistas.unibh.br/dchla/article/view/2595>. Acesso em: 20/05/2025.

BELLIN, Greicy Pinto. **Edgar Allan Poe e o Surgimento do Conto Enquanto Gênero de Ficção**. Anuário de Literatura, s.l, v. 16, n. 2, p. 41-53, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2011v16n2p41>. Acesso em: 20/05/2025.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. Ed. 7. São Paulo: Ática, 2006.

LOVECRAFT, Howard Phillips. **O Horror Sobrenatural na Literatura**. Tradução de João Guilherme Linke. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.

POE, Edgar Allan. **A Máscara da Morte Escarlate**. Tradução de José Jaeger. s.n. s.l. Free Books Editora Virtual, 2017.

SILVA, Agnaldo Rodrigues. **Teoria Literária: poética e teatro**. Mato Grosso: Unemat, 2015.

UNRUE, Darlene Harbour. **Edgar Allan Poe: The Romantic as Classicist**. International Journal of the Classical Tradition, v. 1, n. 4, p. 112-119, mar./jun, 1995. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/30221867>. Acesso em: 20/05/2025.